

# A perceção sobre a perceção das perceções sobre corrupção

**Não é o fim do mundo**



Pedro Adão e Silva

O Presidente da República lembrou o óbvio: em política, “o que interessa é a imagem que as pessoas têm”, ou, para utilizar termos em voga, as perceções contam. Por isso, seria insensato que partidos e Governo ignorassem as perceções e se enredassem numa guerra contra a realidade da vida concreta das pessoas, como também se usa dizer. Insensato e condenado ao desastre eleitoral – que, apesar de tudo, continua a ser a competição que os partidos disputam.

Coisa diferente é saber o que fazer com as perceções: amplificá-las ou, pelo contrário, aproximar a imagem que as pessoas têm da realidade. Ontem mesmo, dia em que o Conselho de Ministros discutia o enésimo pacote de combate à corrupção, Paula Teixeira da Cruz, ex-ministra da Justiça, afirmava com razão na

Antena 1 que, cito de memória, “ao longo da história, em nome das perceções, foram cometidas as maiores atrocidades”. O alerta é avisado.

Se há perceção que se foi disseminando é a de que Portugal está capturado pela corrupção – investigação judicial aqui, notícia nos *media* acolá, seguida de comentários definitivos nas redes sociais, não deixam margem para dúvidas. Ora, não é preciso saber muito de história para se estar ciente dos riscos democráticos associados a esta perceção, pelo que é fundamental que os políticos lidem com ela. Afinal, a ideia de que há uma cultura de corrupção enraizada corrói a confiança nas instituições, afasta os melhores da causa pública e destrói o vínculo democrático.

De facto sabemos se a corrupção está a aumentar entre nós? Não, mas, no que é crucial, o tema preocupa crescentemente os portugueses. No ano passado, uma sondagem do ICS/Iscte a propósito dos 50 anos do 25 de Abril confrontava uma amostra representativa da sociedade com um conjunto vasto de temas, questionando quais tinham evoluído pior. A criminalidade e a corrupção destacavam-se de todos os outros, com 66% dos inquiridos



“**De facto sabemos se a corrupção está a aumentar entre nós? Querem uma sugestão a propósito do combate à corrupção?**”

a afirmarem, em ambos os casos, que estes domínios pioraram em cinco décadas de democracia. Em sentido oposto, encontrava-se a assistência médica, com apenas 13% de respostas a refletirem uma degradação deste domínio. No mínimo, há uma perceção generalizada de que a corrupção é um problema sério.

Mas encontramos-nos no domínio das perceções e, se é isso que discutimos, não há como não afirmar que já é distante o país em que se gratificava o ajudante de notário para fazer uma escritura; o agente da polícia, para não passar

uma multa; o fiscal camarário, para fechar os olhos a uma obra; e o autarca, para licenciar um projeto. Dir-me-ão, enquanto a pequena corrupção recua, a grande avança. Pois, não sei. A verdade é que o tempo áureo das privatizações, com portas-rolantes entre membros do Governo e grupos privados beneficiários do processo, também passou.

Nesta semana, a Transparência Internacional publicitou o seu índice de perceção da corrupção e, como amplamente noticiado, Portugal deu mais um trambolhão no ranking mundial, ocupando agora a 43.ª posição. Muito revelador, não fora estarmos perante um índice que, através de um curto painel de peritos – de acordo com a explicação televisiva trôpega da responsável nacional da instituição, serão apenas quatro –, consolida perceções. Estamos no domínio das perceções sobre perceções, que sabemos bem como se constroem socialmente. Conclusão, querem uma sugestão a propósito do combate à corrupção? Não desvalorizemos a perceção que há sobre o tema, mas, também, não cometamos o erro de alimentar imagens do tema desfocadas da realidade. Vai sair igualmente caro.

**Colunista**